

Editorial

A Escola Vera Cruz, mantenedora do Instituto Vera Cruz e desta publicação, está completando 60 anos de existência em 2023. Se a história trata da transformação de arranjos sociais, conhecê-la pode inspirar respostas para inquietações atuais. O distanciamento temporal permite localizar mais facilmente os pontos de inflexão nos percursos históricos da escola ao longo dessas seis décadas, considerando os contornos que a instituição efetivamente tomou. Qual iniciativa ou contexto levou a um determinado resultado? O que influenciou esses percursos? Tal perspectiva não implica correlacionar e registrar somente as empreitadas “bem-sucedidas”, as que foram adiante ou prevaleceram no tempo. No confronto de ideias que, espera-se, caracterize o cotidiano de uma escola, há de caber a experimentação, a remodelação e mesmo o contraditório.

Na trajetória do Vera Cruz, esse caráter foi afirmado até mesmo pela denominação de “escola experimental”, adotada a partir de 1973, e que se manteve até os anos 1990. O enquadramento permitia mais liberdade nos processos e organização do ensino na escola (incluindo a polivalência até o 7º ano), e imprimiu o espírito que passou a lhe constituir desde aquele momento. A vocação para a investigação sobre os processos de ensino e aprendizagem tornou-se uma de suas características estruturantes, e a reflexão baseada na prática, sua forma de exercício. Esse entendimento é reforçado nas falas dos atores mais diversos dentro da instituição, de diferentes períodos e áreas de atuação, sendo uma marca que se conserva, embora em constante atualização. Já nos anos iniciais da escola, a contratação de consultores na área pedagógica e o convite a pensadores para reflexões transformadoras junto à equipe despontam como marcos disruptivos de sua história. Mais adiante, foram constituídas áreas dedicadas exclusivamente à reflexão e à formação sobre a prática, com a experiência do Centro de Estudos Vera Cruz (CEVEC) e o atual Instituto Superior de Educação



(completando, agora, seus 20 anos), que configurou a estrutura necessária para atender a um público externo mais amplo – algo que a escola já realizava, por meio de consultorias a outras instituições e redes de ensino.

A análise de trajetórias permite identificar pontos de inflexão, mas, também, um fio mais sutil: aquilo que se mantém estável e dá identidade à instituição. A diversidade de atores e de lideranças na história da escola propiciou um percurso bastante autônomo a cada segmento de ensino do Vera Cruz – uma tendência que, nos últimos anos, entrou em processo de transformação, em uma direção mais integrada. Quando essas trajetórias paralelas dos segmentos foram confrontadas, porém, o que se destacava eram os aspectos comuns a todas elas. Sim, a divergência e a multiplicidade de olhares constituem a história da escola, assim como o convívio democrático. A busca por essa diversidade, sem dúvida proveitosa, hoje se transfere também ao perfil do alunato, com ações afirmativas como o programa de bolsas de estudos com critério racial.

Por fim, um elemento marcante entre educadores e gestores, desde os primeiros anos – traduzindo-se no projeto da escola e em suas práticas – é a consciência do papel político de uma instituição de ensino, e da importância de cultivar, entre seus estudantes, a crítica social e o compromisso com o bem comum. Os desafios no campo democrático foram mudando ao longo desses 60 anos, bem como o papel da escola e o que ela deve garantir em termos de ensino e vivências – pontos que, como vemos, o Vera Cruz não deixa de acompanhar. A importância da formação de cidadãos reflexivos e dialógicos é o que não muda nunca.

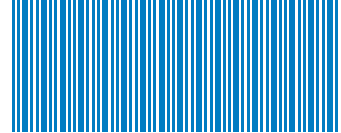
Criada em 2011, a revista *Veras* repercute e reverbera esse compromisso com o amplo debate educacional e a experimentação que vêm caracterizando a própria trajetória da instituição, buscando ao longo das 25 edições já publicadas trazer reflexões e experiências para o debate público, tendo como baliza o rigor acadêmico, a aprovação de artigos sem identificação de seus autores por pareceristas qualificados e a escolha de temas pungentes para dossiês e entrevistas.



Coerentemente com esse propósito, a edição atual aborda, com a complexidade necessária, o tema da violência nas escolas, a partir do olhar lúcido do pesquisador de questões morais e éticas Yves de La Taille, nosso entrevistado da vez. Especialista em Psicologia do Desenvolvimento, o professor aposentado da Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo comenta os desafios que o “mal-estar na cultura ocidental” traz para professores, alunos e funcionários de escolas. Uma das facetas desse “mal-estar” são as ações violentas, como as que aconteceram no início deste ano e que foram abordadas, com lucidez e competência, pelo entrevistado.

Diretamente relacionado ao tema da nossa entrevista, o artigo *A justiça restaurativa na escola nos processos de educação socioemocional de estudantes adolescentes*, de Pedro Rodrigo da Silva e Hugo Monteiro Ferreira, aborda a experiência de formação de círculos restaurativos em uma escola pública estadual de Pernambuco, revelando a potencialidade desse recurso, que tem origem no Direito, para a prevenção do *bullying* e criação de uma cultura de paz. As categorias analíticas do autoconhecimento e do autocuidado nortearam o trabalho nos grupos, formados por estudantes do 3º ano do Ensino Médio, nos quais também foram adotadas as estratégias do “bastão de fala” (que “dá a voz” ao seu possuidor, criando um ambiente mais favorável à escuta e participação de todos) e do “sentar em círculo”.

A segunda contribuição desta edição também está relacionada a estudantes do Ensino Médio. *Protagonismo estudantil por meio das metodologias ativas e da interdisciplinaridade: um relato de prática pedagógica*, de Fernando Jorge Moreira, Fernanda Filgueiras, Maria Otília José Montessanti Mathias e Ana Maria Di Grado Hessel relata uma experiência bem-sucedida com o uso de metodologias ativas em uma turma de jovens do 1º ano de uma escola particular de S. Paulo. A partir de uma dúvida pontual dos estudantes, que provocaria uma mudança no planejamento inicial, os resultados sugerem sucesso na adaptação do Design Thinking (DT) como abordagem no desenvolvimento da metodologia da Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP).

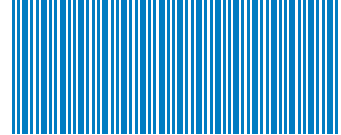


Outras duas colaborações desta edição de *Veras* estão voltadas aos primeiros anos da alfabetização. Em *Situações de produção escrita: potências e entraves da transposição didática do ensino presencial para o remoto* as autoras Julianny Russo e Luiza Cilento refletem sobre os desafios que a pandemia de Covid-19 trouxe aos docentes alfabetizadores, e as adaptações necessárias para recriar, na medida do possível, o ambiente escolar em uma situação atípica, que impôs a exigência de distanciamento social e aulas online, por meio de recursos digitais como o Google Meet.

Já o artigo *Por que a ideia dos pré-requisitos na alfabetização é uma furada?*, de Viviane Leite de Castro e Tatiana Lagun Costa, como seu título promete, investiga, com olhar crítico, as “listas de habilidades” que as crianças pretensamente precisariam dominar antes de aprenderem a ler e a escrever, e sugere algumas estratégias didáticas úteis para essa faixa etária, como a elaboração de uma tabela de livros lidos no mês ou a criação coletiva de um jogo da memória.

Também voltada a leitores em formação, a análise que Júlia Menezes Alonso, Michelle Dallacqua da Silva e Susana Felix Paes Corrêa Leite trazem no artigo *Leitura pelo estudante: análise de uma prática de leitura para aprender a ler se debruça sobre uma experiência didática de leitura, elaborada por um professor alfabetizador de escola da rede municipal de ensino de Bertioga, litoral de São Paulo. A análise conclui que é possível propor atividades de leitura aos estudantes, mesmo antes deles lerem de forma convencional.*

Há outra experiência de leitura nesta edição. Em *Diferentes agrupamentos durante a leitura de obras de José Saramago: reflexões sobre uma mediação literária*, Miruna Kayano Genoino reflete sobre a organização e realização de uma sequência de leitura de obras de José Saramago criadas ou editadas para o público infantil, em uma turma multietária dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma instituição particular de S. Paulo. O contexto formado por crianças de diferentes idades, bem como o desafio linguístico do autor selecionado, coloca em destaque a importância de um planejamento cuidadoso das situações de mediação de leitura em sala de aula, para assim explorar diferentes formas de



potencializar a interação entre as crianças da turma, e delas com os textos apresentados. A adesão dos estudantes a cada livro analisado no projeto é comentada pela autora.

O artigo *Formação didático-pedagógica do professor formador de professores de IES privadas*, de Claudia Dourado de Salces, por sua vez, aborda um tema pouco pesquisado: a formação de docentes, em nível de Licenciatura, em instituições privadas de ensino superior. Trazendo os resultados de um questionário aplicado a professores ligados a 12 instituições privadas do Estado de São Paulo, o estudo, além de observar a precariedade dessa formação, confirma o que as novas linhas de investigação sobre o professor reconhecem atualmente: que sua formação é fruto da combinação da vivência – advinda da participação em cursos oferecidos por instituições especializadas – com as experiências adquiridas no exercício profissional realizado nas escolas, na convivência com colegas profissionais, convivência esta que, naturalmente, ultrapassa os rápidos encontros na sala dos professores. Afinal, trata-se de um processo contínuo de qualificação que não deveria ficar restrito aos anos de formação docente, mas se estender ao longo de sua carreira como professor.

Boa leitura!

*Regina Scarpa (Diretora Pedagógica do Instituto Vera Cruz),
Ricardo Prado e Adriana Dantas (editores da Veras), com
colaboração de Thais Gurgel (Grifo).*

